

PADRÕES DE CONCORDÂNCIA DE TERCEIRA PESSOA PLURAL NO PORTUGUÊS: UM BALANÇO DAS CONTRIBUIÇÕES DO PROJETO 21 DA ALFAL

PATTERNS OF THIRD PLURAL PERSON VERBAL AGREEMENT IN PORTUGUESE:
A SUMMARY OF THE CONTRIBUTIONS OF PROJECT ALFAL 21

SILVIA RODRIGUES VIEIRA
Universidade Federal do Rio de Janeiro/FAPERJ
silviavieira@hotmail.com

Passados três anos da inserção do Projeto *Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias do Português* na Associação de Linguística e Filologia da América Latina (Projeto ALFAL 21), o presente artigo reúne e delimita as contribuições das diversas pesquisas, sobretudo no âmbito da 3ª pessoa plural. O presente artigo, com base na avaliação dos resultados alcançados, (i) apresenta as contribuições do Projeto no que se refere à variação da concordância, destacando os resultados referentes à expressão da 3ª pessoa plural, detalhados em Vieira e Bazenga, 2013; (ii) compara brevemente o tratamento dispensado ao tema no referido trabalho ao de outros estudos relativos ao Português do Brasil e ao Português Europeu; e (iii) com base nessa comparação, traz contribuições relacionadas a aspectos metodológicos atinentes à coleta e ao tratamento das ocorrências, que permitam interpretar os resultados gerais da concordância de terceira pessoa plural e traçar de forma contrastiva os padrões existentes nas variedades do Português, com base na tipologia de regras em Labov (2003).

Palavras-chave: Concordância. Variedades do Português. Metodologia. Regras linguísticas

After three years of the insertion of the Project *Comparative Study of agreement patterns in African, Brazilian and European varieties* in the Association of Linguistics and Philology of Latin America (Project ALFAL 21), this article presents the contributions of investigations on the scope of third plural person agreement. Taking into consideration scientific results, the present article (i) presents the contributions of the Project as for the variation of the third plural person agreement marks, as detailed in Vieira and Bazenga, 2013; (ii) briefly compares the treatment of the subject in the related work to the one of other relative studies of Brazilian and European Portuguese; and (iii) on the basis of this comparison, brings contributions about methodological aspects relative to the collection and the treatment of the occurrences, so that it can be possible to interpret the general results of the third plural person agreement and to establish the agreement patterns in the varieties of the Portuguese, on the basis of the typology of rules proposed by Labov (2003).

Keywords: Agreement. Varieties of Portuguese. Methodology. Linguistic rules

0. INTRODUÇÃO

Passados três anos da inserção do Projeto *Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias do Português* na Associação de Linguística e Filologia da América Latina (Projeto ALFAL 21) – que deu continuidade a uma parceria internacional entre o Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas da UFRJ e o Centro de Linguística da Universidade de Lisboa¹ –, já se podem aquilatar as contribuições das diversas pesquisas realizadas. Em todas elas, é possível ver cumprido o propósito central das investigações, que consiste em prover resultados atualizados para a comparação entre variedades do português usadas em três continentes (África, Brasil e Europa) no que diz respeito a uma questão central das gramáticas, a concordância morfossintática. Assim, conta-se com descrições de dados contemporâneos, que têm permitido estabelecer padrões de concordância em coexistência e em concorrência, associando-os a variedades e subvariedades.

Em linhas gerais, a relevância do empreendimento refere-se ao problema da validação empírica das interpretações existentes em relação aos padrões de concordância no Português, especialmente os brasileiros e portugueses, ora tidos como comuns, ora tidos como distintos, no que tange tanto a suas origens, quanto às expressões contemporâneas do fenômeno. Nesse sentido, faz-se urgente que os estudos científicos apresentem ferramentas metodológicas seguras para sistematizar, em meio a tantos trabalhos sobre concordância, respostas às seguintes questões: (i) qual a extensão da variação da concordância nas variedades do Português consideradas?; e (ii) em que medida os dados supostamente variáveis da concordância em Português (no Brasil, em Portugal ou na África) podem ser comparados em termos quantitativos e qualitativos?

Em relação aos dados que fundamentam as análises empreendidas no âmbito do Projeto ALFAL 21, conta-se com investigações de materiais diversos utilizados pelos pesquisadores em função de suas escolhas metodológicas, dentre os quais se destaca, neste trabalho, o Banco de dados construído pela equipe de cooperação Brasil-Portugal (disponível em www.concordancia.letras.ufrj.br). Trata-se de entrevistas sociolinguísticas que focalizaram variedades urbanas do Português do Brasil (PB), representadas por dois municípios da Região Metropolitana do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, em Copacabana e adjacências, e Nova Iguaçu), e do Português Europeu, representadas, na Região Metropolitana de Lisboa, por Oeiras e Cacém, e, na Ilha da Madeira, por Funchal. Para a variedade de São Tomé e Príncipe, conta-se com o material cedido gentilmente por Tjerk Hagemeier (e, atualmente, integrado ao Corpus VARPOR, do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa), constituído de entrevistas com falantes de Português como língua materna, que puderam ser organizadas de acordo com os mesmos critérios. Todos os informantes da pesquisa distribuem-se por sexo, três faixas etárias (18-36 anos; 35-55 anos; 36-75 anos) e três níveis de escolaridade (fundamental: 5 a 8 anos; médio: 9 a 11 anos; superior: 12 ou mais anos).

O presente artigo, com base na avaliação dos resultados alcançados até o fim do primeiro triênio do Projeto 21 da ALFAL, pretende: (i) apresentar as contribuições do Projeto no que se refere à variação da concordância, destacando os resultados referentes à expressão da 3ª pessoa plural a partir da descrição do total de 3566 dados, detalhados em Vieira e Bazenga, 2013; (ii) comparar brevemente o tratamento dispensado ao tema em Vieira e Bazenga (2013) ao de

¹ Mota, M. A. e Vieira, S. R. (2013) apresentam, em publicação internacional (*Journal of Portuguese Linguistics*, 12 (2)), os resultados dessa fase de investigação empreendida pela equipe do Projeto de Cooperação Internacional Brasil-Portugal, coordenado pela Professora Maria Antónia Coelho da Mota e Sílvia Rodrigues Vieira, de 2008 a 2010.

outros estudos relativos ao Português do Brasil e ao Português Europeu; e (iii) com base nessa comparação, trazer contribuições relacionadas a aspectos metodológicos atinentes à coleta e ao tratamento das ocorrências em *corpora* diversos, que permitam interpretar os resultados gerais da concordância e traçar os padrões existentes nas variedades do Português.

1. EXPRESSÃO DA TERCEIRA PESSOA PLURAL NO BANCO DE DADOS CONCORDÂNCIA: SISTEMATIZAÇÃO DOS RESULTADOS DE VIEIRA E BAZENGA (2013)

Vieira e Bazenga (2013), em detalhada análise da expressão de terceira pessoa plural no Banco de dados Concordância, supre a baixa produtividade ou mesmo a ausência de resultados científicos de natureza variacionista relativos ao Português Europeu e ao Português de São Tomé em amostras sociolinguisticamente estratificadas e os compara aos referentes ao Português do Brasil. Assim, as autoras cumprem os objetivos anunciados:

(i) estabelecer a produtividade das marcas de 3ª pessoa plural nas variedades do Português europeias, brasileiras e, dentre as africanas, a de São Tomé e Príncipe, definindo o estatuto de cada regra linguística em questão, consoante a tipologia proposta em Labov (2003); (ii) determinar a influência de fatores estruturais e sociais que atuem como restrições à regra variável de concordância, quando for o caso; e (iii) avaliar a relação entre fatores estruturais e sociais que condicionam o fenômeno e a caracterização do estatuto das variedades linguísticas do Português quanto aos padrões de concordância verbal.

(Vieira e Bazenga 2013: 9)²

Tomando por base os resultados de Vieira e Bazenga (2013), verifica-se a preferência pelas marcas formais de concordância recomendadas pelas normas gramaticais em todas as variedades controladas, conforme se observa na Tabela 1, adiante.

SVs de 3ª pessoa plural				
Amostra	Com marca de número		Sem marca(s) de número	
	Nº de OCOs	%	Nº de OCOs	%
Oeiras (OEI)	1454/1467	99,1	13/1467	0,9
Cacém (CAC)	1176/1185	99,2	9/1185	0,8
Funchal (FNC)	866/914	94,7	48/914	5,3
São Tomé (ST)	679/737	92,1	58/737	7,9
Copacabana (COP)	1229/1395	88,1	166/1395	11,9
Nova Iguaçú (NIG)	1067/1365	78,2	298/1365	21,8

Tabela 1. Distribuição dos dados com e sem marca de concordância verbal de 3ª pessoa plural.

Fonte: Vieira e Bazenga (2013: 12)

Não obstante essa tendência geral, há que se destacar as diferenças entre as variedades, que revelam um *continuum* que vai do maior afastamento do pólo da marcação plural, representado pelas variedades brasileiras (78,2% em NIG), até o menor afastamento desse pólo, representado

² (...) (i) establish the productivity of 3rd person plural marks in varieties of EP, BP and STP, so that it can be possible to postulate the status of each linguistic rule according to the typology proposed by Labov (2003), (ii) determine the social and structural factors that may constrain the variable rule of agreement if it is the case, and (iii) evaluate the relationship between structural and social factors that constrain the characterization of the agreement's pattern in each variety of Portuguese.

pela variedade continental do PE (99,2% em CAC), com uma distância, considerados os extremos do *continuum*, de 21 pontos percentuais.

1.1. Português do Brasil e Português de São Tomé

O quadro a seguir sistematiza o condicionamento da marcação de pluralidade, apontando as variáveis que se mostraram estatisticamente relevantes nas três amostras controladas (COP, NIG, ST) ou ao menos em duas delas e, ainda, os índices obtidos de marcação plural.

Variáveis	Contextos favorecedores da marcação plural	Contextos desfavorecedores da marcação plural
Paralelismo discursivo	Verbo antecedido de verbo com marca plural [COP: 100%; NIG: 97,1% - .92; ST: 100%]	Verbo antecedido de verbo sem marca plural [COP: 8,1%; NIG: 3,3% - .01; ST: 0%]
Paralelismo oracional	Verbo antecedido de SN sujeito com marca plural [COP: 92,6%/.54; NIG: 84,6%/.54; ST: 94,3%/.52]	Verbo antecedido de SN sujeito sem marca plural [COP: 39,4%/.14; NIG: 44,6%/.14; ST: 53,3%/.17]
Posição do sujeito	Sujeito anteposto [COP: 91,0%/.52; NIG: 82,8%/.52; ST: 93,9%/.66]	Sujeito posposto [COP: 84,1%/.16; NIG: 46,2%/.17; ST: 74,4%/.08]
Traço semântico do sujeito	Referência animada [COP: 88,1%; NIG: 79,9%/.53; ST: 94,0%/.56]	Referência inanimada [COP: 88,2%; NIG: 66,9%/.36; ST: 83,2%/.26]
Saliência fônica	Médio e alto grau de saliência [COP: 92,5%-93,8%/.51-.79; NIG: 78,8%-92,3%/.55-.78]	Baixo grau de saliência [COP: 84,2%/.35; NIG: 72,9%/.29]
Escolaridade	Nível superior [COP: 97,8%, .79; NIG: 89,9%/.68; ST: 97,9%/.81]	Níveis fundamental e médio [COP: 72,9%, 89%/.17, .41; NIG: 72,9%, 67,1%/.32, .35, ; ST: 83,3%; 93,2%/.14, .49]

Tabela 2. Contextos favorecedores e desfavorecedores da marcação plural nas variedades brasileiras e são-tomense segundo resultados de Vieira e Bazenga (2013)

Nas amostras brasileiras e são-tomense, os índices encontrados são compatíveis com as tendências verificadas em outros estudos da fala de comunidades urbanas e são sensíveis ao grau de escolaridade do falante. Os contextos linguísticos favorecedores da não marcação de pluralidade podem ser assim resumidos:

- a. verbo antecedido de SN sujeito e/ou de outro verbo sem marcas de número;
- b. posposição do sujeito;
- c. traço menos animado do referente sujeito; e
- d. baixo grau de diferenciação fônica entre as formas singular e plural (evidente somente no PB).

As diferenças entre as variedades europeias e, de outro lado, as brasileiras e a africana podem ser observadas em termos não só quantitativos, mas também qualitativos. Assim, diferentemente da restrição de contextos no caso do PE (detalhadas em 1.2.), encontra-se no PB e no PST, em índices variáveis, a não marcação explícita de plural no verbo em uma diversidade de contextos, incluindo-se estruturas não marcadas ou neutras, como em frases com ordem direta, com sujeito anteposto ao verbo, com formas de alta saliência fônica e com traços animados (por exemplo: *Os menino foi na praia ontem*).

Ademais, é importante destacar a relevância da variável escolaridade, cujo comportamento demonstra haver o aumento progressivo da marcação de plural consoante o aumento do grau de instrução do indivíduo.

Variedade/ Amostra		Nível fundamental (5 a 8 anos)	Nível médio (9 a 11 anos)	Nível superior (12 a 15 anos)
P B	COP	299/410 72,9% .17	340/382 89,0% .41	590/603 97,8% .79
	NIG	333/457 72,9% .32	243/362 67,1% .35	491/546 89,9% .68
P S T	ST	179/215 83,3% .14	220/236 93,2% .49	280/286 97,9% .81

Tabela 3. Atuação da variável *Escolaridade* para a implementação da marca verbal de 3 p. pl. por variedade/amostra. Fonte: Vieira e Bazenga (2013: 25)

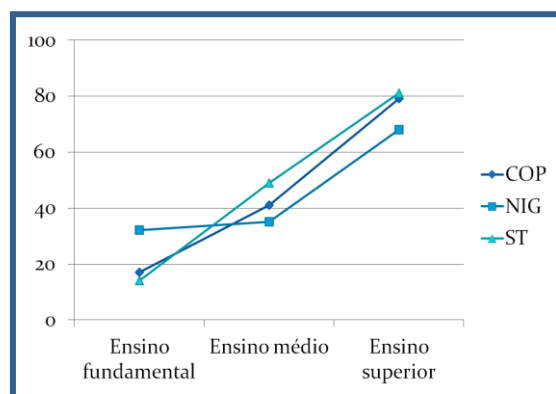


Figura 1. Concordância de 3ª p plural no PB e no PST: atuação da variável nível de escolaridade

Em maior ou menor medida, fica nítida a tendência ao aumento das marcas de pluralidade à proporção que aumenta o grau de instrução, sobretudo em termos relativos. O nível superior de ensino é aquele em que a maior marcação de plural tende a ocorrer. Sem dúvida, a urbanização aliada ao acesso cada vez maior às instituições de ensino tem acarretado o aumento, em diversas classes sociais, do uso das marcas de concordância.

Em São Tomé, é preciso ressaltar que o acesso à escolaridade se reveste ainda de maior importância, visto que acarreta paralelamente o maior domínio da própria Língua Portuguesa, em relação às línguas maternas. Dada a situação de multilinguismo na realidade de São Tomé, Vieira e Bazenga (2013) – adotando o controle de um grupo de fatores idealizado por Brandão (2011, 2013) – investigaram, a partir do próprio depoimento dos informantes (sendo todos falantes de Português como L1) se o maior ou menor contato com o Português afetaria a realização das marcas de concordância.

Para o controle da variável, Brandão estabelece três níveis de frequência de uso de uma língua crioula, tendo em vista que há indivíduos que declaram (a) só usar o português e dominar

ou não dominar um crioulo (zero ou baixa frequência); (b) usar o português e um ou mais crioulos com menor frequência; ou (c) com maior frequência – no mercado, em momentos de lazer com amigos.

Os resultados, expostos na tabela a seguir, surpreendem pela sistematicidade da correlação entre maior frequência de uso da língua crioula (o forro, sobretudo) e menor emprego das marcas de pluralidade.

Frequência de uso de um crioulo	Oco	Perc.	P.R.
Zero /Baixa	465/503	92.4%	.57
Média	572/634	90.2%	.48
Alta	71/89	79.8%	.35

Tabela 4. Atuação da variável *Frequência de uso de um crioulo* para a implementação da marca verbal de 3 p. pl. no PST. Fonte: Vieira e Bazenga (2013: 26)

A correlação entre escolaridade e frequência de uso de um crioulo ficou confirmada pelo fato de que somente os indivíduos do nível fundamental assumem o uso altamente frequente da língua local. Como confirmam as autoras,

Os dados revelam que nenhum dos informantes dos níveis médio e superior de escolaridade declarou usar um crioulo com alta frequência, o que confirma ser a instrução uma espécie de passaporte para o domínio da Língua Portuguesa na sociedade são-tomense. Entre os informantes de nível fundamental, confirma-se que, de forma escalar, quanto maior a frequência de uso de um crioulo, menores são os índices de marcação verbal de 3ª pessoa plural.

Salienta-se, aqui, que a correlação entre as referidas variáveis constitui evidência empírica para a hipótese de que o maior contato linguístico se correlacione à menor realização da marca, hipótese empregada nos estudos que defendem ser a não concordância brasileira, nos níveis e contextos existentes, oriunda da forte situação de contato linguístico entre negros, índios e brancos.

(Vieira e Bazenga 2013: 26-27)³

1.2. Português Europeu

Nas amostras europeias, a investigação demonstrou não ser possível estabelecer uma lista de grupos de fatores relevantes a partir da seleção estatística, dada a limitada concretização da não concordância. Nas raríssimas ocorrências sem marca explícita de número, verificam-se fundamentalmente contextos marcados, como, por exemplo, os de sujeito de referência inanimada, posposto (sobretudo com verbos intransitivos e inacusativos) e, quando anteposto, representado por “que” e relacionado a verbos de baixa saliência fônica, dentre os quais muitos são copulativos.

³ The data show that none of the informants of the intermediate and higher levels of education reported using a high frequency of Creole, which confirms the utterance that education is a sort of passport to mastering the Portuguese language in São Tomé. Low educated informants' speech confirm that greater frequency of use of Creole leads to lower rates of verbal 3rd person plural marks. It must be emphasised here that the correlation between these variables constitutes, in a certain extent, an empirical evidence for the hypothesis that the greater the linguistic contact, the lower the use of agreement marks. This hypothesis has been employed in several studies which claim that the non-agreement in BP arises from the strong linguistic contact amongst African, Indian and European populations.

A observação das únicas 22 ocorrências de verbos não marcados nas amostras do Português Europeu continental (13 em Lisboa e 9 em Cacém) permitiu o mapeamento dos contextos de não marcação de plural encontrados no *corpus*.

Primeiramente, verificou-se que 17 das 22 ocorrências continham uma situação particular relacionada a um caso de sândi externo. Trata-se de verbos seguidos por palavras iniciadas por um segmento [+vogal] ou [+nasal] (17/22 - 72,2%), fenômeno que, em geral, afeta verbos de menor saliência fônica. Os exemplos a seguir demonstram o contexto.

- (1) chegou ao fim do mês não pagou aquela/quinhentos euros só pagou trezentos *fica os* outros duzentos a pagar (CAC-C1H)
- (2) os hábitos que não me *agrada muito* a *é é é* - neste momento que estamos a atravessar *é* a falta de respeito (OEI-C1H)

Além dessa influência de natureza morfofonética, pouco investigada em estudos sobre a concordância verbal de 3ª pessoa plural⁴, as autoras verificaram a limitação dos contextos em termos morfossintáticos. Trata-se de exemplos particulares quanto à referência, expressão e/ou à posição do sujeito. Nesse sentido, 15 das 22 ocorrências (68,1%) são de sujeito inanimado (ex. 3); em 12 das 22 ocorrências (54,5%), o sujeito está posposto ao verbo, particularmente com verbos intransitivos, inacusativos e copulativos (ex. 4 e 5); e, por fim, em 10 dos 22 dados (49,8%), o sujeito é representado pelo relativo *que* (ex. 6).

- (3) portanto *continua* os tempos a evoluir cada vez mais não *é*? (OEI-C1M)
- (4) e depois a partir da estação *existe* os autocarros para os diversos sítios (CAC-A3M)
- (5) *saiu* algumas gramáticas alteradas mas ninguém está a usar nada (OEI-A3M)
- (6) tem umas feiçõezinhas que *identifica* logo que elas são brasileiras (CAC-A1M)

A título de sistematização, é preciso salientar que o comportamento dos dados do Português da Ilha da Madeira (FNC) confirma as tendências apresentadas, em índices menos próximos ao categórico, figurando, por vezes, no limite entre o semicategórico e o variável. As influências relacionadas à expressão do sujeito são, por exemplo, mais evidentes no Português Europeu insular do que no continental, embora tenha havido menor variabilidade lexical entre os verbos coletados (com forte presença do item *existir*, por exemplo). Ademais, há que se ressaltar as particularidades da variedade madeirense em termos fonéticos, visto que há o registro da realização de pronúncias consideradas não padrão, como, por exemplo, a realização da 3ª pessoa do plural com a terminação –EM (*cantavem*)⁵. Sem dúvida, a descrição das variedades do Português insular necessita de aprofundamento – que não cabe nos limites deste artigo –, no que tange não só à sua caracterização linguística particular, mas também ao conhecimento de sua formação sócio-histórica.

⁴ Destaque-se, nesse sentido, a dissertação de mestrado de Fernanda Villares Viana Barreto (2014), orientada no âmbito do Projeto, a qual se ocupa da descrição da expressão de 3ª pessoa plural no Português Europeu, não só em termos morfossintáticos, mas também em termos fonéticos.

⁵ Para maior detalhamento, conferir Vieira e Bazenga (2013); Barreto (2014).

2. BREVE COMPARAÇÃO DOS RESULTADOS VARIACIONISTAS: A EXPRESSÃO DA CONCORDÂNCIA DE 3ª PESSOA PLURAL NO PB E NO PE

Interessa, nesta seção, comparar os resultados sistematizados na seção anterior aos obtidos em estudos sobre o tema baseados em outros *corpora*. Tendo em vista o desconhecimento de trabalhos sobre a concordância de 3ª pessoa plural no Português de São Tomé, a comparação que ora se propõe objetiva discutir apenas as diferenças entre as tendências apontadas para o Português do Brasil e o Português Europeu, de modo a fundamentar a seção final do texto, que vai tratar especificamente dos procedimentos metodológicos no tratamento do tema, que, ao que tudo indica, necessitam de uniformização nos trabalhos científicos.

No que se refere ao Português do Brasil, não seria possível estabelecer uma comparação com todas as investigações existentes, dada a alta produtividade das pesquisas sociolinguísticas labovianas (*cf.* Weinreich, Labov e Herzog 1968; Labov 1972) no país. Elegendo, entretanto, trabalhos representativos realizados principalmente no âmbito do Estado do Rio de Janeiro⁶ (Naro 1981; Graciosa 1991; Vieira 1995; Scherre e Naro 2006; Lucchesi *et al.* 2009; entre outros), Vieira e Bazenga (2013) confirmaram que, diferentemente do que ocorre no PE, o fenômeno é amplamente variável no PB. Partindo de Lucchesi *et al.* (2009: 348), as pesquisadoras valem-se da proposta do *continuum* de polarização sociolinguística brasileiro, o qual considera os traços rural/urbano e mais ou menos escolarizado, e situam os novos resultados junto aos anteriores. Desse modo, atestam que as marcas de pluralidade no verbo podem variar de 16% (extremo das comunidades rurais e isoladas – caso de Helvécia/BA) até 97,8% (extremo das comunidades urbanas e altamente escolarizadas), conforme se pode observar na figura a seguir reproduzida.


[+ marcas]				[- marcas]
RJ Urban Highly educated	RJ Urban Moderately educated	RJ Urban Illiterate	RJ Rural Illiterate	Helvécia/BA Rural Afro-Brazilian communities
94% (Graciosa 1991) 97,8% (Vieira e Bazenga 2013)	73% (Scherre e Naro 2006) 89% (Vieira e Bazenga 2013)	48% (Naro 1981)	38% (Vieira 1995)	16% (Lucchesi <i>et al.</i> 2009)

Figura 2. *Continuum* de marcação de pluralidade em verbos de 3ª pessoa consoante os traços rural / urbano e os graus de escolaridade em variedades brasileiras com base na proposta de Lucchesi, Baxter e Silva (2009).

Fonte: Vieira e Bazenga (2013: 34)

Conforme se pode observar, os índices de marcação de 3ª pessoa plural encontrados nas amostras contemporâneas do Banco de dados Concordância são compatíveis com as tendências anteriores (de sincronias passadas) e ainda exacerbam os índices registrados para as falas mediana e altamente escolarizadas, com o registro da expressão de plural em índices superiores. Esse aumento das taxas de marcação de plural no Brasil tem sido associado ao processo de urbanização maciço por que passou o país e à crescente inserção dos indivíduos nas escolas e

⁶ Apenas o último trabalho não lida com dados do Estado do Rio, mas da Bahia, para que se mostre o extremo das comunidades rurais e isoladas.

nas consequentes experiências de letramento em diversificadas normas de uso, segundo diferentes registros e modalidades.

No que se refere ao Português Europeu, embora se disponha de poucos trabalhos sociolinguísticos sobre o fenômeno, a comparação entre os resultados obtidos demonstra aparentemente uma ligeira diferença de índices de realização das marcas de número. Vieira e Bazenga (2013: 34-45) fazem o levantamento de estudos que consideraram a expressão da 3ª pessoa plural em amostras europeias: (i) Varejão (2006) e (ii) Gandra (2009), ambos com base em entrevistas do *Corpus* CORDIAL-SIN, que contempla as chamadas variedades dialetais do Português falado em toda a extensão de Portugal e ilhas; (iii) Monguilhott (2009), que considera falantes com escolaridade fundamental ou média nascidos na Grande Lisboa; (iv) Rubio (2012), que descreve a fala de informantes também de diversas regiões de Portugal, integrantes do *Corpus de Referências do Português Contemporâneo* (CRPC), os quais foram distribuídos segundo quatro graus de escolaridade; e (v) Monte (2012), que considera informantes analfabetos, com escolaridade secundária (do tipo Educação de Jovens e Adultos – EJA) e superior, da região de Évora.

Comparando os resultados referentes ao *Banco de dados Concordância* aos dos cinco estudos variacionistas referidos, tem-se uma variabilidade nos índices de expressão verbal de 3ª pessoa plural que vai de 91% a 99,2%. Essa diferença, que aparentemente sinaliza a mesma tendência à alta marcação de plural, não deve ser desprezada, visto que dela depende a generalização acerca dos padrões europeus de concordância e das semelhanças entre eles e os brasileiros. De um lado, centrando-se nos índices próximos aos mais baixos da marcação de pluralidade (91%), um pesquisador possivelmente acharia sustentação para propor que as diferenças brasileiras e europeias seriam tão-somente quantitativas, mas teríamos, em termos gerais, semelhantes possibilidades de variação; de outro lado, priorizando-se, no outro extremo, os índices altíssimos da marcação de plural nos dados europeus (99,2%), seria possível arriscar a interpretação da falta de efetiva variação, de modo a postular padrões de concordância muito diferentes dos verificados na realidade brasileira. Daí interessa a questão: o que faz com que os dados portugueses ora configurem um padrão categórico de concordância, ora se afastem (ainda que em oito pontos percentuais no máximo) desse padrão?

Uma primeira resposta a esse questionamento poderia se referir a alguma característica particular da comunidade de fala considerada em cada amostra. Observando, entretanto, os perfis de cada *corpus* investigado, verifica-se que alguns trabalhos, ainda que considerem amostras semelhantes ou até equivalentes e recolhidas no mesmo período, não chegam a índices muito próximos. Atentando primeiramente para os perfis dos materiais analisados quanto ao grau de escolaridade, verifica-se que os índices registram diferenças que podem ser relevantes, em se tratando do Português Europeu. A título de ilustração, a marcação de plural na fala dos indivíduos com curso superior atingiu 92-94% no trabalho de Monguilhott (2009), 96,2% em Rubio (2012) e 99,1% em Vieira e Bazenga (2013). Na comparação entre os resultados, chama ainda mais a atenção a diferença encontrada entre os trabalhos de Varejão (2006) e Gandra (2009), visto que ambos tratam do mesmo material, o *Corpus Cordial-sin* (com maioria de analfabetos provenientes de todas as regiões de Portugal): enquanto o primeiro registra 91% de marcação plural, o segundo atesta 96,5%.

Ao que tudo indica, a resposta para a compreensão das diferenças de resultados obtidos para o PE pode não estar relacionada efetivamente ao perfil da amostra nem à época de sua recolha, como se justificou no caso do PB. Antes, parece ser fruto das diferentes opções metodológicas, sobretudo as relativas à coleta dos dados, tema de que se ocupa a próxima seção deste artigo.

3. ASPECTOS METODOLÓGICOS E DEFINIÇÃO DOS PADRÕES DE CONCORDÂNCIA

Em primeiro lugar, para efetivamente entender a extensão e a qualidade dos dados europeus de concordância, é preciso observar que tipos de ocorrências configuram os dados coletados em cada trabalho variacionista. Um dos contributos da comparação entre os trabalhos sobre a concordância de 3ª pessoa plural empreendida por Vieira e Bazenga (2013) foi proceder ao levantamento dos contextos estruturais excluídos da coleta de dados em cada pesquisa, porque não representariam *a priori* construções efetivamente variáveis. O quadro a seguir, extraído do referido artigo, é esclarecedor, visto que lista cada um dos contextos em questão e aponta os trabalhos que declararam tê-los excluído.

Contexto estrutural excluído da coleta de dados	Estudo sociolinguístico
Verbos na 3ª pessoa plural em contextos de indeterminação do sujeito	Monguilhott (2009) Monte (2012) Rubio (2012)
Estrutura tradicionalmente chamada de passiva sintética	Monguilhott (2009) Varejão (2006)
Concordância semântica com nome singular (<i>o pessoal</i>)	Monguilhott (2009) Monte (2012)
Formas verbais homófonas do tipo <i>tem/têm</i>	Monte (2012) Varejão (2006) Rubio (2012)
Respostas em que se repete a forma verbal da pergunta feita pelo documentador	Monte (2012) Varejão (2006)
Orações com verbo 'ter' com valor existencial	Monte (2012)
Sujeito representado pelo pronome indefinido 'tudo' remetendo a um SN de 3ª pessoa do plural (os filhos e o marido é tudo Benfica)	Monte (2012)
Sujeito constituído por expressão partitiva	Monte (2012)
Verbos no infinitivo pessoal	Monte (2012)
Sujeito composto e posposto ao verbo com o núcleo mais próximo no singular (<i>morreu a senhora e o patrão</i>)	Monte (2012) Varejão (2006)
Sujeito do tipo pronomes interrogativos	Monte (2012)
Frases em que ocorre uma possível concordância com um pronome expletivo, do tipo <i>ele falta-me umas peças ...</i>	Varejão (2006)

Quadro 1. Listagem dos critérios de exclusão de dados nos estudos de amostras europeias.
Fonte: Vieira e Bazenga (2013: 37)

A listagem desses contextos revela, de um lado, que as pesquisas apresentam graus de detalhamento distintos quanto à explicitação dos contextos considerados não variáveis e, de outro, que há construções que foram excluídas em alguns trabalhos, mas foram consideradas normalmente em outros. No que se refere à explicitação dos contextos, é preciso sinalizar que um procedimento metodológico tão relevante quanto de fato é a seleção dos dados nos *corpora* precisa constituir informação indispensável nos trabalhos sociolinguísticos. Fica a sugestão. No

que tange à diferença de abordagem na própria definição dos dados a serem excluídos, é importante que se busque, na área dos estudos sociolinguísticos, a delimitação dos contextos variáveis, de tal modo que análises contrastivas possam ser feitas com segurança e confiabilidade. Sem dúvida, essas opções metodológicas podem configurar a razão para as diferenças quantitativas verificadas nos trabalhos sobre o tema.

No caso da concordância de 3ª pessoa plural, o que causa diferenças na coleta de dados diz respeito, sobretudo, aos contextos que envolvem dificuldades na interpretação da marcação de pluralidade, seja pela impossibilidade de determinar a referência do sujeito como efetivamente plural, seja pela dificuldade em determinar a realização das marcas na própria forma verbal. A esse respeito, Martins (2012) ocupa-se em apontar os diversos contextos de ambiguidade na expressão da concordância, validando a exclusão de praticamente todos os casos do Quadro 1 – exceto os dados de infinitivo, que não são mencionados, e os de pronomes interrogativos (que Monte 2012 admite ter excluído apenas por se tratar de número reduzido de ocorrências).

Dos diversos casos listados como contextos morfossintáticos a serem desconsiderados na coleta de dados para o estudo da concordância de 3ª pessoa plural, não parece gerar maiores dificuldades tomar como pressuposto a necessidade de eliminar as ocorrências verbais que se ligam a sujeitos com núcleo singular embora façam referência a noções plurais, ou, ainda, as que contêm sujeitos coordenados e pospostos, que podem acarretar a chamada “concordância com o mais próximo”, muitas delas já assumidamente variáveis desde a abordagem adotada na própria tradição gramatical. Enquadram-se, nesses casos, as seguintes construções citadas nos referidos estudos: (i) concordância semântica com nome singular (*o pessoal*); (ii) sujeito constituído por expressão partitiva; (iii) sujeito representado pelo pronome indefinido ‘tudo’ remetendo a um SN de 3ª pessoa do plural (*os dados e as situações todas... tudo está previsto*); e, ainda, (iv) sujeito composto e posposto ao verbo com o núcleo mais próximo no singular (*morreu a senhora e o patrão*). Caso ainda mais particular é o verificado em dados dialetais europeus, em que são verificadas frases em que ocorre uma possível concordância com um pronome expletivo, do tipo “*ele falta-me umas peças*”. Obviamente, todas essas construções podem ser coletadas e seus padrões de concordância podem ser estudados à parte; o que aqui se defende é que elas não devem *a priori* estar quantificadas como se fossem da mesma natureza de construções com um SN plural, sem qualquer possibilidade de interpretação ambígua ou particular.

Também parece ponto pacífico que qualquer construção com verbo de 3ª pessoa plural que não remeta a um SN plural específico, mas antes constitua contexto de indeterminação do sujeito, deva ser eliminada da coleta e quantificação das ocorrências. Da mesma forma, devem ser desconsideradas as orações que não contenham sujeitos referenciais por se tratar de valor existencial (como as orações com *ter*). Essas estruturas merecem estudos particulares, não das marcas de concordância de 3ª pessoa do plural em si, mas das construções indeterminadoras e existenciais que elas representam.

Da lista de contextos eliminados, entende-se, ainda, que há construções excluídas em determinados trabalhos, sobretudo, por sua particularidade de interpretação. Nesses grupos, incluem-se primeiramente as construções infinitivas. Estas admitem, sem dúvida, comportamento particular, principalmente por sua raridade de expressão nas línguas do mundo e sua especificidade mesmo no âmbito da Língua Portuguesa. O contexto em que figuram as formas infinitivas variáveis é bastante limitado, tendo em vista que, em muitos casos, é possível atribuir à construção uma interpretação generalizante e de referência arbitrária. Assim, só deveriam ser coletadas as ocorrências em que nenhuma dúvida na identificação do sujeito como referencial persista, como em frases do tipo *isso é para as crianças comerem/comer*. Ainda

assim, é desejável que essas construções sejam quantificadas em separado, em função de sua referida especificidade.

Também com o perfil de “construções particulares”, devem-se mencionar as chamadas passivas sintéticas, em que se tem um verbo transitivo direto acompanhado da tradicional partícula apassivadora, como em *vendem-se casas*. A especificidade desse contexto já foi amplamente discutida pelos sintaticistas, de modo que é plausível admitir que o sintagma nominal que se segue a essa expressão – em realidade, argumento interno do verbo predicador – não tem o mesmo estatuto se comparado aos demais sintagmas analisados como sujeitos. Independentemente do quadro teórico utilizado nas pesquisas, convém, sem dúvida, proceder à investigação dessas estruturas em separado.

De todos os contextos listados no Quadro 1, restam, ainda, dois tipos a serem comentados: “as formas verbais homófonas do tipo *tem/têm*” e “as respostas em que se repete a forma verbal da pergunta feita pelo documentador”. Quanto ao primeiro tipo, em se tratando de real homofonia, é absolutamente necessário que esses dados sejam desconsiderados, pela impossibilidade de se atestar a expressão de singular ou plural. O segundo caso, de natureza bastante diversa, diz respeito à atribuição da autoria de determinadas sentenças, que podem ser mais representativas da fala do documentador, ecoada na do entrevistado, do que efetivamente da fala do informante. Nesse caso (assim como no de repetições sucessivas de um verbo em situações de evidente hesitação), desconsiderar o dado parece ser o procedimento de fato mais seguro e adequado metodologicamente para que não se inflacionem as taxas de concordância com ocorrências pouco representativas da fala a ser estudada.

Além dos casos já descritos, Vieira e Bazenga (2013) chamam a atenção, ainda, para três outros contextos que se relacionam à ambiguidade das construções e que também estariam intimamente relacionados aos índices discrepantes nos trabalhos do Português Europeu. São eles: (i) estruturas em que aparentes sujeitos de 3ª pessoa plural (expresso ou nulo) remetem a constituintes topicalizados; (ii) construções com verbo copulativo, que podem ser interpretadas como apresentacionais (*os caras é isso aí...*); (iii) construções cuja determinação da forma verbal como singular ou plural é de definição duvidosa por motivos fonético-fonológicos. Enquanto os dois primeiros se referem à identificação do estatuto do sujeito, o último encaixa-se nas questões relacionadas à interface morfofonológica na expressão da pluralidade.

No que se refere às construções apresentacionais e que remetem a um possível constituinte topicalizado, Mota e Vieira (2007) já chamavam a atenção para o fato de que não poderiam ser consideradas em conjunto com as demais por não constituírem estruturas neutras; antes, muitas delas dão margem à ambiguidade referencial. Vieira (2011), fazendo um primeiro levantamento de dados no Português Europeu, demonstra e exemplifica a particularidade dessas construções.

Merece, sem dúvida, atenção redobrada um grupo de ocorrências bastante produtivo na fala, que apresenta verbos no singular referindo-se possivelmente a um referente genérico que não foi explicitado e constitui aparentemente um tópico não preenchido. O exemplo a seguir ilustra a construção:

- (7) é assim aproveitam imagina que estes óculos estão a estão a cinquenta euros mas querem aumentá-los para sessenta e cinco - então metem o preço em cima sessenta e cinco euros e depois metem riscado os os cinquenta euros - tipo a dizer que ESTÁ em promoção (OEI-A3H)

O referente sujeito do verbo *estar* não se encontra claramente enunciado: seriam *os óculos*? Seria genericamente o objeto de que se fala (*aquilo/ele/isso*)? Ou *o estabelecimento comercial*

que vende os óculos? Em função da dúvida na referência candidata ao sujeito, sugere-se que esses dados não sejam contabilizados em conjunto com os demais.

O uso do verbo *ser* em construções copulativas, como nos exemplos (8) e (9) a seguir, ocorre na forma singular caracterizando uma referência genérica, que evoca muito mais a entidade abstrata (*a tecnologia*) ou o grupo (*de brasileiros*) de que se fala, constituindo uma construção apresentacional, por assim dizer.

- (8) acho que tem a ver também com a tecnologia como vai desenvolvendo vai havendo cada vez mais distrações a nível de tecnologia que É as internets é – é os jogos de computador é pronto vai havendo cada vez mais - os telemóveis que dantes não havia tudo isso – e – e que dantes era () era diferente a pessoa acabava por comunicar mais do que hoje – hoje é tudo por telefone por mails – não há cara-a-cara não há – tipo olhar para a pessoa e falar directamente com a pessoa – é diferente (OEI-A2M)
- (9) o português é um pouco mais fechado e eu também as vezes tenho imensos comentários porque no ginásio apanho muitos brasileiros no ginásio os brasileiros É o culto do corpo o total calor a falar e então eles têm o hábito o hábito do exercício que já está com eles acho que vem um bocado por causa do culto do corpo lá faz calor mais tempo (OEI-A3H)

Quanto à interface morfofonológica na expressão de pluralidade, entende-se que, embora os estudos brasileiros já tenham amplamente abordado, desde a proposta de Lemle e Naro (1977), a relevância da saliência fônica na distinção singular-plural, essa variável mereça atenção renovada. Enquanto no Brasil essa variável tem efeito mais do que comprovado, ela é raramente apontada como estatisticamente relevante quando se trata o fenômeno como variável em Portugal; ainda assim, quando se atribui qualquer relevância a esse grupo de fatores, a seleção da variável parece resultar muito mais da superposição com o tipo de verbo do que da influência relativa à diferenciação fônica⁷.

De todo modo, propõe-se que o tratamento dos dados brasileiros, europeus ou africanos deva ser realizado muito mais em função dos padrões fonéticos efetivamente aplicados em cada variedade, do que em função dos graus de saliência fônica apresentados por Lemle e Naro (1977) e seguidos irrestritamente pelos demais pesquisadores. Parece óbvio que variedades com quadros vocálicos distintos não podem receber o mesmo tratamento no que se refere à descrição das oposições singular e plural nos verbos de 3ª pessoa. Em outras palavras, variedades que pronunciam diferentemente, por exemplo, os pares *quer/querem* ou, ainda, *cantava/cantavam* merecem ser tratadas diferenciadamente, quando do estabelecimento dos graus de saliência fônica⁸.

Vieira e Bazenga (2013) chamam atenção, de modo especial, para os contextos de sândi externo, em que a pronúncia da terminação verbal é fortemente afetada pela qualidade do fone que inicia o vocábulo subsequente: a presença de vogal – como em “fica os outros” – ou segmento [+nasal] – como em “agrada muito” –, conforme já se descreveu na seção anterior. Esses contextos – que muitas vezes impedem a consideração da ocorrência, dada a dificuldade de delimitação da pronúncia, se plural ou singular, nasalizada ou não, diferente do singular ou não – configuram forte favorecimento à não concordância ou, por vezes, à diferenciada

⁷ Ao que parece, os dados referentes ao nível alto de saliência fônica referem-se, sobretudo, a ocorrências do verbo *ser* e de construções inacusativas. Supõe-se que, a depender da coleta e da interpretação dos dados, não só a aparente variação nos dados europeus seria revista, mas também, caso se realizassem rodadas multivariadas, a saliência fônica não seria selecionada.

⁸ Já chamaram a atenção para a necessidade de abordar melhor essa questão Guy (1981); Mota e Vieira (2008); Mota (2013); dentre outros. Barreto (2014), observando as realizações fonéticas das desinências verbais de 3ª pessoa propôs o estabelecimento de uma escala adaptada de saliência fônica para o Português Europeu. Encontra-se em curso, nesse sentido, a dissertação de Raquel Gomes Chaves/UFSC, que se ocupa da expressão fonética, inclusive acústica, das terminações verbais.

realização fônica da marcação plural. Nesses casos, entende-se que, em termos metodológicos, só devem ser computadas as ocorrências cuja diferenciação seja plenamente reconhecida em termos perceptivos. Dados de identificação duvidosa do traço singular ou plural devem ser naturalmente desprezados.

Como se pode verificar, a observação dos contextos considerados em cada pesquisa parece essencial para a compreensão dos resultados sociolinguísticos. Ao que tudo indica, está muitas vezes na interpretação de contextos ambíguos a justificativa para os índices distintos de concordância. Se todos os trabalhos citados eliminassem ou tratassem de forma particular, *a priori*, os contextos tomados como ambíguos ou como de difícil determinação do estatuto singular ou plural do verbo, certamente se verificariam as apropriadas condições para o estudo contrastivo.

Aplicando os pressupostos metodológicos ora sugeridos de modo uniforme em qualquer amostra estudada, a comparação entre as variedades do português quanto aos padrões de concordância seria mais facilmente realizada. A observação de cada contexto excluído dos estudos permitiu observar que a delimitação das estruturas coletadas como variáveis é fundamental para as conclusões científicas sobre os padrões que caracterizam cada variedade e/ou tipo linguístico, em termos quantitativos e qualitativos. Assim, ser criterioso quanto ao levantamento dos contextos variáveis permitirá atribuir o estatuto de regra variável ou não – já facilmente detectado para as variedades brasileira e são-tomense neste trabalho – aos padrões de concordância no Português Europeu.

No que se refere à oposição PB - PE, entende-se, por exemplo, que a coleta de dados segundo os mesmos critérios registraria taxas mais altas de marcação plural nos dados portugueses, o que diminuiria o espectro de oito pontos de diferença entre os trabalhos resenhados e confirmaria o estatuto quase categórico da concordância no PE. Nesses termos, Vieira (2014) e Vieira e Brandão (2014), assumindo o quadro proposto por Labov (2003) – que propõe um quadro (conferir Quadro 2) de regras tripartido em categórico, variável e semicategórico – estabelecem que o PE, diferentemente do PB e do PST, não assume um padrão de concordância variável, mas semicategórico.

Tipo de regra	Frequência com que opera	Violações ⁹
I - Categórica	100%	Nenhuma, na fala natural
II - Semicategórica	95-99%	Rara e relatável
III - Variável	5-95%	Nenhuma por definição e não relatável

Quadro 2. Tipos de regras linguísticas. Fonte: Labov (2003: 243)

Conforme observam Vieira e Brandão (2014: 85-86):

⁹ Labov assim descreve as violações, respectivamente, I, II e III: “none in natural speech; rare and reportable; none by definition and unreportable”. Embora não constitua objetivo específico deste capítulo, essa descrição enseja o seguinte questionamento: por que regras semicategóricas seriam relatáveis/reportáveis e regras variáveis, não? Regras comprovadamente variáveis, como a concordância no PB, são percebidas e relatáveis, uma vez que constituem estereótipos. O mesmo se poderia dizer de outras regras que funcionam como marcadores de classe, de origem social e assim por diante. Mesmo regras que redundam em mudança e que, de início, estão abaixo do nível de consciência do falante, podem, com o tempo, ser objeto de avaliação, como é o caso da posteriorização de /R/. Sem dúvida, a natureza das referidas violações merece aprofundamento.

Observa-se que a própria sistematização das três regras propostas pelo autor toma como item relevante a frequência com que cada uma delas opera, aspecto de que este texto se ocupa com especial atenção. Além do conceito usualmente partilhado de comportamento categórico, que pressupõe totalidade, a diferença entre as regras semicategórica e variável é feita, do ponto de vista quantitativo, com base em um corte, ao que tudo indica arbitrário, de até 5%. Qual seria a vantagem em bipartir o conjunto de dados com alternância em dois subconjuntos – variável e semicategórico? Por que não tratar tudo como variável em maior ou menor grau?

(...)

Assume-se, assim, que afirmar que uma língua/variedade admite, por opção gramatical, uma dada estrutura não implica necessariamente o registro categórico dessa estrutura, como se sabe, nem tampouco se pressupõe um comportamento efetivamente variável. Há que se verificar quantitativa – um número restrito de dados – e qualitativamente – contextos específicos em termos estruturais – a especialização dos usos para se determinar o parâmetro gramatical de certa língua/variedade.

Com base no referido quadro teórico-metodológico, e associando os resultados referentes à concordância verbal de 3ª pessoa do plural aos da primeira pessoa verbal e, ainda, aos da concordância nominal, as referidas autoras apresentam instrumentos para caracterizar os padrões de concordância em variedades do Português. Espera-se que as reflexões teórico-metodológicas empreendidas neste artigo colaborem para o êxito desse investimento.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: CONTRIBUIÇÕES DO PROJETO 21

De todo o exposto, ficam claras as contribuições dos investimentos empreendidos no âmbito do Projeto 21 da ALFAL, que dá continuidade à pesquisa de cooperação internacional anterior, conforme já se descreveu. O balanço dessas contribuições, conforme sugere o título do artigo, para além do desejável intercâmbio entre pesquisadores de renomadas instituições científicas, aponta o avanço do tratamento sociolinguístico da concordância em termos de adequação descritiva e explicativa.

Em termos descritivos, destacam-se os resultados delineados a partir de amostras sociolinguisticamente controladas e coletadas recentemente (a partir de 2008), o que é fundamental para o conhecimento das variedades do Português, sobretudo as menos descritas, rigorosamente observadas sob os mesmos critérios. Nesse sentido, relevam-se as descrições de variedades europeias e africanas, com suas particularidades estruturais e/ou extralinguísticas.

Em nível metodológico, alguns pontos merecem destaque. No âmbito da expressão qualitativa da regra de concordância, dois aspectos puderam receber tratamento particular ao longo das investigações: (i) a delimitação das estruturas que não representariam contextos variáveis; e (ii) a descrição mais acurada da expressão fonético-fonológica da marcação de pluralidade. No âmbito da expressão quantitativa da regra, avançou-se na delimitação dos padrões consoante a proposta de Labov (2003) em segmentar a expressão semicategórica em relação à variável. Ao trazer essas contribuições, os estudos desenvolvidos no âmbito do Projeto têm permitido descrever o que é próprio de uma variedade e o que em nada permitiria delimitar variedades por ser de natureza geral ou, quem sabe, universal (cf. Brandão; Vieira 2012; Trudgill 2009; Chambers 2004).

Espera-se que a formação das subequipes de trabalho – que visa a dar conta, em detalhe e sob os mesmos critérios, dos padrões da concordância verbal de 1ª (com *nós* e *a gente*), de 3ª pessoa plural, além da nominal, interna ao SN e em construções predicativas – e as análises em curso contribuam efetivamente para o conhecimento das variedades do Português, de modo a:

- (i) proceder à cuidadosa descrição dos padrões de concordância em Português por área geográfica, ampliando o conhecimento sobretudo sobre as variedades africanas do Português; e
- (ii) servir de suporte ao debate sobre as origens das variedades do Português, considerando os parâmetros gramaticais que caracterizam cada uma delas com base em análises contrastivas.

Cumpridos tais propósitos, espera-se que as análises efetivamente contrastivas dos padrões de concordância em termos quantitativos e qualitativos sirvam como eficiente instrumento, a ser aplicado em investigações com outros temas linguísticos, para avaliar tipos ou padrões linguísticos a partir de uma concepção tripartida de regras – categóricas, semicategóricas e variáveis, consoante Labov (2003).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Barreto, Fernanda Villares Vianna. 2014. *A concordância verbal de 3ª pessoa do plural no Português Europeu*, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Brandão, Sílvia Figueiredo. 2011. Concordância nominal em duas variedades do português: convergências e divergências, *Veredas*, v. 15, n. 1: 164-178.
- Brandão, Sílvia Figueiredo. 2013. Patterns of agreement within the Noun Phrase, *Journal of Portuguese Linguistics*, 12 (2): 51-100.
- Brandão, Sílvia Figueiredo e Sílvia Rodrigues Vieira. 2012. Concordância nominal e verbal: contribuições para o debate sobre o estatuto da variação em três variedades urbanas do português, *Alfa*, 56 (3): 1035-1064.
- Chambers, Jack K. 2004. Dynamic typology and vernacular universals, em B. Kortmann (ed.), *Dialectology meets typology. Dialect grammar from a cross-linguistic perspective*. Berlin/New York, Mouton de Gruyter: 127-145.
- Gandra, Ana Sartori. 2009. A concordância verbal no português europeu rural, em K. Oliveira, H. F. Cunha e Souza e L. Gomes (orgs.), *Novos tons de Rosa para Rosa Virgínia Mattos e Silva*, Salvador: EDUFBA: 142-161.
- Graciosa, Diva. 1991. *Concordância verbal na fala culta carioca*, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Guy, Gregory R. 1981. *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of phonology, syntax and language history*, Tese de Doutorado, University of Pennsylvania, Pennsylvania.
- Labov, William. 1972. *Sociolinguistic patterns*, Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Labov, William. 2003. Some sociolinguistic principles, em C. B. Paulston e G. R. Tucker (eds.), *Sociolinguistics: the essential readings*, Massachusetts, Blackwell Publishing, 234-250
- Lemle, Miriam e Anthony J. Naro. 1977. *Competências básicas do português*, Rio de Janeiro, Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização.
- Lucchesi, Dante, Alan Baxter e Jorge Augusto Alves da Silva. 2009. A concordância verbal, em D. Lucchesi, A. Baxter e I. Ribeiro (orgs.), *O português afro-brasileiro*, Salvador, EDUFBA: 331-371.
- Martins, Ana Maria. 2012. Aparente variação na concordância sujeito-verbo no português europeu: ambiguidade quanto ao carácter singular ou plural do sujeito frásico, em T. Lobo. *et alii* (eds.), *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador, EDUFBA: 191-219.
- Monguilhott, Isabel de Oliveira e Silva. 2009. *Estudo sincrônico e diacrônico da concordância verbal de 3ª pessoa do plural no PB e no PE*, Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Monte, Alexandre. 2012. *Concordância verbal e variação: um estudo descritivo-comparativo do Português Brasileiro e do Português Europeu*, Tese de Doutorado, Universidade do Estado de São Paulo-UNESP, São José do Rio Preto.
- Mota, Maria Antonia Coelho da. 2013. Variant patterns of subject-verb agreement in Portuguese: morphological and phonological issues, *Journal of Portuguese Linguistics*, 12 (2): 7-50.
- Mota, Maria Antonia e Sílvia Rodrigues Vieira (orgs.). 2013. *Journal of Portuguese Linguistics*, 12 (2).
- Mota, Maria Antonia e Sílvia Rodrigues Vieira. 2008. Contrastando variedades do português brasileiro e europeu: padrões de concordância sujeito-verbo, em C. A. Gonçalves e M. L. L. Almeida (orgs.), *Língua portuguesa: identidade, difusão e variabilidade*, Rio de Janeiro, AILP/UFRJ: 111-137.
- Naro, Anthony. 1981. The social and structural dimensions of a syntactic change, *Language*, 57(1): 63-98.

- Rubio, Cássio Florêncio. 2012. *Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no português brasileiro e europeu: estudo sociolinguístico comparativo*, Tese de Doutorado, Universidade do Estado de São Paulo-UNESP, São José do Rio Preto.
- Scherre, Maria Marta P. e Naro, Anthony J. 2006. Mudança sem mudança: a concordância de número no português brasileiro, *SCRIPTA* 9 (18), 107-129.
- Trudgill, Peter. 2009. Linguistic universals and vernacular data, em M. Filppula, J. Klemola e H. Pitkänen (eds.), *Vernacular universals and language contacts*, New York/London, Routledge Taylor & Francis: 323-348.
- Varejão, Filomena. 2006. *Varição em estruturas de concordância verbal e em estratégias de relativização no Português Europeu Popular*, Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Vieira, Sílvia Rodrigues. 1995. *Concordância verbal: variação em dialetos populares do Norte Fluminense*, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Vieira, Sílvia Rodrigues. 2011. O estatuto da regra variável e o fenômeno da concordância verbal em variedades do português. *Documentos para el XVI Congreso Internacional de la ALFAL*. CDROM, Alcalá de Henares, ALFAL.
- Vieira, Sílvia Rodrigues (2014). Entre o variável e o categórico: a concordância verbal e a colocação pronominal em variedades do Português, em L. M. Rezende, O. N. L. da Silva, M. C. Mendonça, C. Zavaglia, A. F. Brunelli, (orgs.), *Série Trilhas linguísticas*, Araraquara, FCL-UNESP Laboratório Editorial; São Paulo, Cultura Acadêmica: 75-98.
- Vieira, Sílvia Rodrigues e Aline Bazenga. 2013. Patterns of third person verbal agreement, *Journal of Portuguese Linguistics*, 12 (2): 7-50.
- Vieira, Sílvia Rodrigues e Sílvia Figueiredo Brandão (2014). Tipologia de regras linguísticas e estatuto das variedades/línguas: a concordância em português, *Linguística* 30 (2): 81-112.
- Weinreich, Uriel, William Labov e Marvin Herzog. 1968. Empirical foundations for theory of linguistic change, em W. Lehmann. e Y. Malkiel (orgs.), *Directions for historical linguistics*, Austin, University of Texas Press: 97-195.